

Aterros e lixo levam manguezais do ES à extinção

Fotos de Chico Guedes

Cláudio Rocha

A vasta legislação federal e a importância do ecossistema para a reprodução e desenvolvimento de várias espécies da fauna marinha e algumas de água doce não evitaram que os manguezais fossem reduzidos drasticamente no Espírito Santo. Vítima de invasões, aterros por lixo, entulhos e dragagem, e do esgoto doméstico in natura, os mangues cedem espaço para a ocupação urbana.

Pouco mais de 70 quilômetros quadrados sobravam de manguezais no Estado – que tem um território de 45.597 quilômetros quadrados – em 1985, segundo dados revelados pelo livro “Manguezais do Brasil”, de Renato Henz, publicado em 1991. A área original de mangues no Espírito Santo, desde a época das Capitânicas Hereditárias, é um dado em extinção. Nem a Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente (Seama), nem a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) dispõem da informação.

Em Vitória, 45% dos manguezais sucumbiram à criação e ao desenvolvimento urbano da Capital. Originalmente, os mangues ocupavam uma área de 15.549.268 metros quadrados em Vitória – a área atual é de 10.667.268 metros quadrados, como revela o diagnóstico dos manguezais produzido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semmam).

História

Os aterros de mangue em Vitória, revelados pela bibliografia do geógrafo-historiador e administrador das Unidades de Conservação da Prefeitura de Vitória, Willis Farias, começaram em 1815, pela região onde é hoje a Praça Costa Pereira. Na época os escravos lançavam, à noite, tonéis de lixo doméstico, com fezes – a contaminação dos mangues da cidade com esgoto in natura é histórica – e restos de alimentos.

Em 1860 começou o aterro da região onde é hoje a Avenida Jerônimo Monteiro. No início do século XX, os manguezais localizados na região do Parque Moscoso e do bairro Jucutuquara também não resistiram ao processo de urbanização da época. Um processo contínuo até a região de São Pedro e bairros mais próximos, o último grande aterro da cidade, entre 1981 e 1992.

Ameaça

Contidas as invasões e os aterros, muito menos comuns hoje, a principal ameaça aos manguezais, segundo a professora do Departamento de Biologia da Ufes, Tânia Mara Simões do Carmo, são a pesca predatória, o lançamento sem tratamento do



Os manguezais foram reduzidos drasticamente em Vitória, apesar da conscientização sobre a importância do ecossistema para a reprodução e o desenvolvimento de várias espécies

Ambientalista teme construção de porto

Uma das ameaças mais iminentes a uma manguezal do Estado, para os ambientalistas, é a construção de um porto em sociedade pela Coimex Importadora e Exportadora e a Nativa Engenharia, na Baía de Vitória. O porto, que, pelo projeto, será localizado na área lateral do Penedo, ameaçaria o manguezal do Aribiri. O vice-presidente da Coimex, Evandro Coser, explicou que o porto será construído dentro da técnica de estaqueamento e sem necessidade de aterro. Isso, para ele, garantirá a integridade do mangue.

O presidente da Organização

Consciência Ambiental (Orca), Lupércio Araújo Barbosa, não tem a mesma opinião do empresário. Mesmo sem conhecer em profundidade o projeto da Coimex-Nativa, ele disse acreditar que a construção do porto e seu funcionamento trarão impactos ao manguezal, que é área de preservação permanente pela legislação federal.

Além disso, Lupércio Barbosa fala da agressão paisagística que o projeto acarretará, já que será construído ao lado do Penedo, um dos cartões postais do Estado. A professora de Biologia, Tânia Mara Simões do Carmo, está

preocupada com o desenvolvimento do projeto, que ela admite não ter como julgar por falta de conhecimento do seu conteúdo. “Acho difícil que a construção do porto não cause grande impacto ao manguezal. Mas não tenho base científica para fazer uma análise mais precisa”, disse.

A Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente (Seama), através de sua assessoria de comunicação, informou que a proposta das duas empresas de termo de referência para a construção do porto chegou na semana passada ao órgão. Essa proposta será analisada e

depois encaminhada ao Conselho Estadual de Meio Ambiente (Consema). O termo de referência é um documento que indica os pontos a serem abordados pelo Estudo de Impacto Ambiental (EIA), obrigatório para aprovação do projeto.

A construção do porto tem custo estimado de US\$ 20 milhões. Ele terá, de acordo com o projeto original, um píer de atracamento de 250 metros de extensão, largura de 15 metros e profundidade de 10,5 metros. Deve atracar navios de até 30 mil toneladas e será ligado ao terminal de contêiner, que já existe atrás do Penedo.

Ações ajudam preservação

As boas condições de preservação de alguns manguezais no Estado passam pelo trabalho raro de dedicação de órgãos públicos e entidades não-governamentais. O manguezal de Anchieta é a experiência mais positiva desenvolvida hoje no Estado, segundo a professora de Biologia, Tânia Mara Simões do Carmo.

“Eles (a Prefeitura de Anchieta) estão fazendo trabalho com os catadores, que vem dando resultado. Proibiram a pesca de ostras e impediram a pesca das tainhas de catiguajós e dos machos pequenos. Em todos os mangues eu vejo lixo. Lá não. Não existe invasão”, disse a professora, que dá aula na Ufes.

ria, o lançamento sem tratamento do esgoto doméstico e a retirada da casca das árvores, utilizadas no processo de fabricação das painéis de barro.

A professora constata que ainda existem, em algumas regiões, aterro e desmatamento, como em Guarapari, por exemplo. Sobre a pesca predatória, Tânia Mara disse que no contato com as comunidades que sobrevivem da pesca em mangues, sempre é informada da atuação de pessoas de outros Estados nos mangues capixabas, pescando de forma predatória.

Ela cita algumas dessas formas. No caso da pesca do caranguejo, a reidinha, feita com embalagem plástica "desfiada", colocada na saída das tocas, é a principal delas, segundo a professora de Biologia. Pelo método explicado por Tânia Mara, os caranguejos ficam presos nessas reidinhas quando saem para buscar alimentos, na maré baixa, e depois, os que os pescadores não conseguem recolher, morrem afogados na maré alta. A forma correta de pesca do caranguejo é "no braço", capturando-se apenas os machos de bom tamanho.

Outro tipo de pesca condenada por ela é o das ostras, que ficam presas às raízes das árvores dos bosques de mangue. O catador deve apenas fazer uma pequena raspagem para retirar as ostras, porque não afeta a raiz e consequentemente a árvore. Esse processo, sem os cuidados necessários, traz prejuízos para a planta e para o cultivo das ostras. A mais comum das pescas predatórias em mangue, segundo Tânia Mara, é a de arrasto e com malha fina. Os órgãos responsáveis pela fiscalização perdem de longe a luta com os pescadores menos conscientes.

Balanço

Fazendo um balanço da situação atual dos manguezais em cada região do Estado, a professora Tânia Mara disse que no Norte, os mangues do Rio Cricaré, Barra Nova e Rio Piraqueçu estão preservados. O maior problema acontece em Conceição da Barra, na foz do Rio Itaúnas, onde, ela explica, um hotel alterou a barra do rio, provocando assoreamento e matando parte da vegetação.

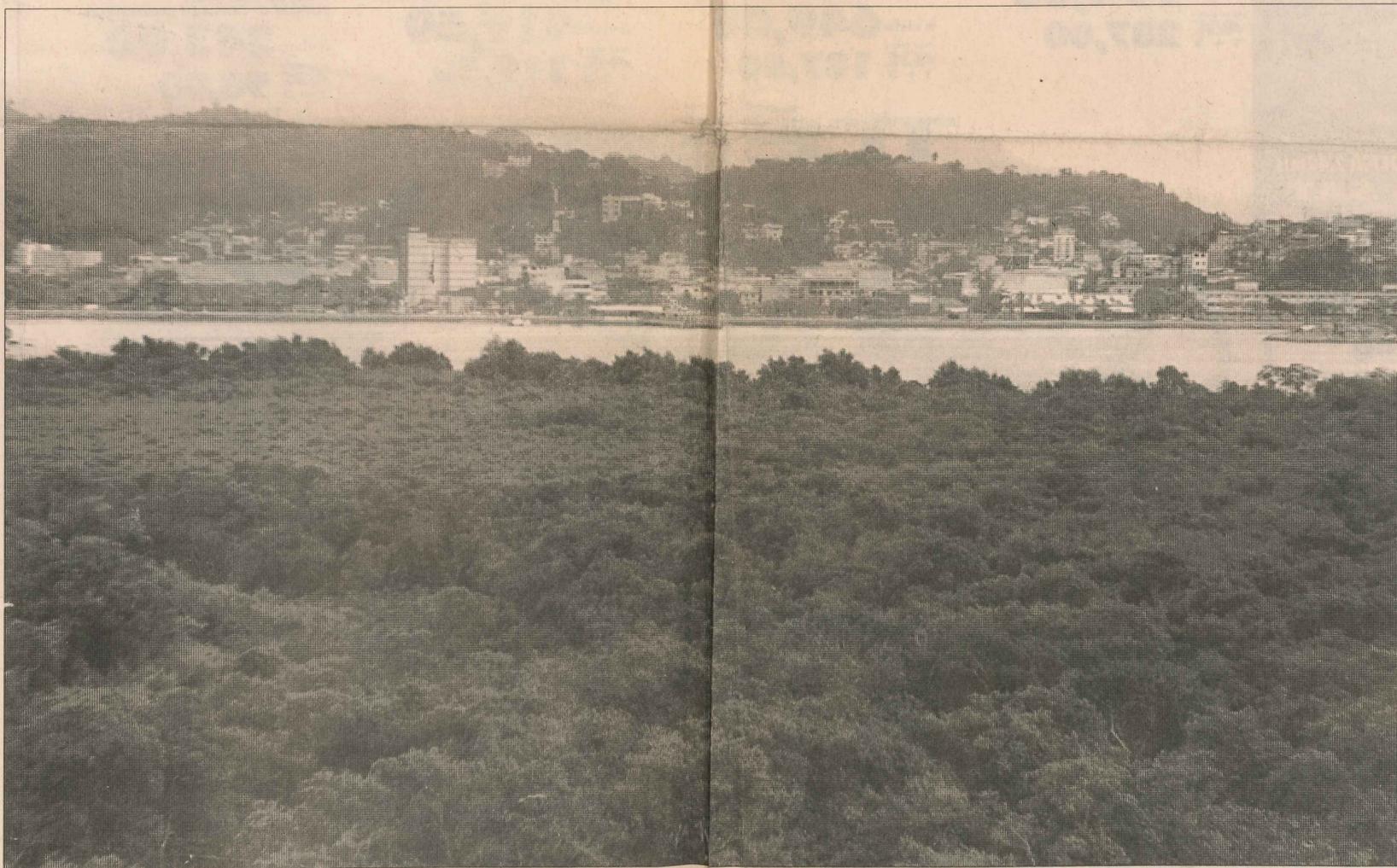
No Sul, ela destaca o prejuízo ao manguezal de Piúma, pela deposição de metais pesados, devido aos restos de tintas da pintura de barcos que caem próximo ao mangue. Anchieta é o destaque positivo de Tânia, pelo trabalho de preservação que vem sendo realizado.

Em Vitória, a situação é bem melhor do que no início de suas pesquisas, em 1983, como destaca a professora de Biologia da Ufes. Um dos fatores mais importantes, segundo ela, é a conscientização das comunidades que vivem mais próximas ao mangue.

Editoria. de Arte/ Amarildo

Período	Região
1815 a 1860	Costa Pereira (Centro)
1860 a 1890	Jerônimo Monteiro (Centro)
1911 a 1920	Parque Moscoso e Jucutuquara
1951 a 1970	Forte de São João, Praia do Canto e Ilha de Santa Maria
1971 a 1980	Andorinhas, Joana D'Arc, Ilha do Príncipe, Ufes, Monte Belo e Bento Ferreira
1981 a 1992	Grande São Pedro, Grande Vitória, Estrelinha, Portal de Camburi, Goiabeiras Velha, Maria Ortiz

MANGUES ATERRADOS EM VITÓRIA



Alvo de invasões, de aterros por lixo, entulhos e dragagem, além do esgoto in natura, os mangues da Capital cederam espaço para a ocupação urbana

fessora, que dá aula na Ufes. Outro trabalho de destaque vem sendo realizado pela Prefeitura de Vitória, especialmente na Estação Ecológica do Lameirão, que tem 80% da área de mangues da Capital. A bióloga Patrícia de Castro e Leão Borges, da Semmam, uma das autoras de um recém diagnóstico dos mangues de Vitória para a PMV, disse que o sucesso do trabalho está na conscientização da população que vive mais próxima ao mangue. O maior problema ainda é o lançamento de lixo.

A proposta para evitar esse lançamento de lixo, além da educação ambiental, é embelezar a orla, construindo "barreiras" com bosques e equipamentos públicos. "A população não suja o que acha bonito", acredita Patrícia Borges. Nas regiões já aterradas, a Prefeitura finaliza os projetos de urbanização, com a construção de três estações de tratamento de esgoto - uma delas já concluída e em início de operação.

O secretário municipal de Meio Ambiente, Jarbas Ribeiro, disse que o maior problema neste momento tem sido convencer a população, em geral de baixa renda, a fazer a ligação à rede de esgoto. Ele acredita que a PMV e a Cesan terão que assumir o ônus dessas ligações para descontaminar os mangues, poluídos com alto índice de coliformes fecais.

Orca

Em Vila Velha, um exemplo de trabalho de recuperação de manguezais vem sendo realizado pela Organização Consciência Ambiental (Orca). O mangue beneficiado fica às margens do canal do Rio Aribirí, atrás do hipermercado Carrefour, que financia o projeto. Desde agosto do ano passado, segundo o presidente da entidade, Lupércio Araújo Barbosa, o trabalho vem sendo desenvolvido com sucesso.

A primeira fase foi para desaterar uma área de mangue, sob terras há mais de dez anos. Com essa experiência, Lupércio acredita que a Orca comprovou na prática que não existe área de mangue irre recuperável. Foram feitos, a partir do aterro, plantio de mudas nativas daquele tipo de mangue e de transição.

O combate ao lixo requer manutenção constante da Orca. No início do trabalho, segundo Lupércio, foram retiradas dez toneladas de lixo do mangue e depois foram colocadas telas de proteção, em frente ao canal, para evitar que mais lixo chegasse ao manguezal. A região sofre influência de esgoto doméstico.